

Fadiga ataca 51% dos alunos da Grã-Bretanha

Pesquisa de quatro anos elaborada por uma ex-diretora de escola e uma especialista em microbiologia aponta "bomba educativa"

Isabel Ferrer

El País

Leicester (Grã-Bretanha) — O maior estudo publicado até o momento na Grã-Bretanha sobre a chamada "síndrome da fadiga crônica" traz um dado inesperado: mais da metade dos estudantes ingleses (51%) sofrem dessa doença e às vezes se vêm obrigados a abandonar definitivamente a escola.

De difícil diagnóstico, as escolas de medicina e de psicologia dizem que sua origem está nos fatores físicos e psíquicos. Os afetados afirmam que

trata-se de um vírus que os debilita e causa letargia, enxaqueca, dores musculares e até ataques de pânico. O estudo cobre o período 1991-1995 e 1.098 escolas de todo o país.

O trabalho, elaborado por Jane Colby, ex-diretora de uma escola e ela própria vítima da doença — está quase recuperada —, e pela microbióloga Elizabeth Dowsett, classifica as descobertas como "bomba educativa" que provocará a longo prazo um enorme déficit nacional. Para ilustrar essas afirmações, as pesquisadoras apontam que a segunda causa de ausência prolongada da escola é a leucemia e outros tipos de câncer, nada va-

gos ou suspeitos para os médicos. "Ninguém pode negar que a situação é séria, mas ninguém se atreve a agir de maneira oficial", lamentou Colby.

Aos especialistas, inclusive com longa experiência em clínica geral, as estatísticas causam problemas. Para poder estabelecer um diagnóstico confiável, a fadiga e a fraqueza demonstradas pelo aluno devem se prolongar por pelo menos seis meses. Como também podem sofrer mudanças de humor e insônia, clínicos gerais e psiquiatras propõem terapias de caráter cognitivo. O estudante que sofre do mal analisará

**"NINGUÉM PODE NEGAR
QUE A SITUAÇÃO É
SÉRIA, MAS NINGUÉM SE
ATREVE A AGIR DE
MANEIRA OFICIAL"**

Jane Colby,
pesquisadora britânica

assim seu comportamento e poderá pensar sobre as causas de seu estado.

Os médicos afirmam que voltar às aulas o quanto antes ajuda na recuperação. "Quanto mais tempo permanecer em casa, mais difícil será para o aluno manter os níveis acadêmicos e sua vida social", afirmam os relatórios sobre a doença.

Para Colby e Dowsett o correto seria justamente o contrário. O importante é educar o paciente e não levá-lo à força à escola. "Fornecer o material para que estude em casa e não perca tempo é essencial. Suas relações sociais merecem uma atenção especial", concluem as autoras.